

A Ontologia de Deleuze e as Experiências de Deligny: como instaurar existências mínimas¹

Deleuze's Ontology and Deligny's Experiences: How to Establish

CARLOS HENRIQUE MACHADO

Doutorando em Filosofia Contemporânea na FLUP – Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

petrus166@gmail.com

RESUMO

Se o Ser for suposto como uma solução provisória, uma ontologia deve poder pensar seu inacabamento como realidade essencial de sua natureza. É nesse sentido que se coloca a ontologia de Gilles Deleuze, pronta a pensar, a partir daí, um estado do Ser a se caracterizar por movimentos de liberação de linhas que desarticulam o já formado e permitem suas determinações escapar das relações já individuadas. A partir da articulação da ontologia deleuzeana com as experiências de Fernand Deligny com crianças autistas não verbais, nos será possível confrontar as formas hegemônicas de existir com modos de existência singulares que se afirmam em sua diferença ingovernável. Refratários a serem adaptados a partir de qualquer medida padrão, constituindo-se como uma deriva às formas hegemônicas e um desvio que permite se escapar ao controle, tais experiências nos colocam diante de uma deriva que mantém a perspectiva da desmesura de existências mínimas sempre inacabadas.

Palavras-chave: Deleuze. Deligny. Ontologia. Autistas. Corpo sem órgãos. Deriva.

ABSTRACT

If Being is supposed to be a provisional solution, an ontology must be able to think of its unfinished business as an essential reality of its nature. It is in this sense that Gilles Deleuze's ontology is placed, ready to think, from there, on a state of Being to be characterized by movements of liberation of lines that disarticulate what has already been formed and allow its determinations to escape from the relations already individuated. From the articulation of Deleuzian ontology with Fernand Deligny's experiences with non-verbal autistic children, it will be possible for us to confront the hegemonic forms of existence with singular modes of existence that assert themselves in their ungovernable difference. Refractories to be adapted from any standard measure, constituting a drift to hegemonic forms and a deviation that allows one to escape control, such experiences place us in front of a drift that maintains the perspective of the disproportion of minimal existences that are always unfinished.

Keywords: Deleuze. Deligny. Ontology. Autistic. Body without organs. Drift.

¹ Artigo submetido para avaliação em 25 de outubro de 2021 e aprovado em 12 de novembro em 2021.

INTRODUÇÃO

Em vez de sacrificar a positividade existencial de “populações inteiras de seres” no altar de uma Verdade, seria o caso de multiplicar o mundo a fim de acolhê-las – de onde o esforço em mobilizar conceitos diversos para garantir a pluralidade e distinção entre os modos de existência, sem deles fazer etapas de um único processo evolutivo, universal. Ademais, em vez de perguntar “Isso existe?” e “De que modo?”, caberia saber se pode existir “um pouco, ou muito, passionadamente, de modo algum”, em gradações diversas. Por exemplo, existir como possível, em potência, ou prestes a emergir ao lado do atual, ou existir balbuciantemente abaixo de um limiar de integridade – quantas maneiras distintas de existir (PELBART, 2014, p. 252).

Existem no mundo seres “infames, obscuros e mudos”² que estão à margem de um padrão majoritário de existência. Seus modos de ser desvirtuam a ordem do funcionamento eficiente dos estratos que estruturam os modos de vida eficientes e que servem de medida para garantir a efetividade do mundo do homem-que-nós-somos³. Como instaurar a existência de “[...] seres dos quais não se pode dizer com precisão se existem ou não segundo o gabarito de que dispomos?” (PELBART, 2014, p. 250). Instaurar a existência desses seres marginais, por menor e mais invisíveis que pareçam, passaria, então, por dar olhos e ouvidos a indivíduos silenciados pelas nossas estruturas simbólicas e seus padrões majoritários de expressão. Há de se desarticular os dispositivos que organizam os espaços a partir de suas medidas padrão e afirmar uma diferença essencial que permitirá que existências singulares sejam instauradas. O que se afirma, a partir daí, não é aquilo que garante um trabalho útil para a preservação da ordem de uma espécie na configuração ótima de um organismo, mas os modos de ser desviantes que escapam do seu próprio acabamento e por isso mantêm a perspectiva da desmesura de existências sempre inacabadas e tidas como “deficientes”. A pergunta aqui é como criar condições para a instauração desses modos de vida desmesurados em diferentes formas de existência? Instaurar aqui pode ser tido menos como criar e mais como garantir a realidade de algo, “[...] fazer existir seres que ainda vagam numa penumbra ficcional, virtual, longínqua e enigmática [...]” (PELBART, 2014, p. 251). Assim, para que se possa liberar a potência dessas formas de existência, é necessário criar um espaço de experimentação que permita que modos singulares de vida possam se afirmar a partir de sua diferença. Permitir a instauração de modos de existência que não são reconhecidos, de acordo com gabaritos de um

² Referência à AZEVEDO, Adriana B.; HENZ, Alexandre O.; RODIGUES, André. Pesquisar no lugar infame, obscuro e mudo. In: MENDES, Rosilda; AZEVEDO, A. B.; FRUTUOSO, Maria F. P. (org.). **Pesquisar com os pés: deslocamentos no cuidado e na saúde**. São Paulo: Hucitec Editora. 2009. p. 99 -117.

³ O homem-que-nós-somos, segundo Fernand Deligny, é uma imagem que foi construída depois de milênios de dominação simbólica e que contrasta com o “humano de natureza”.

padrão majoritário, é criar um espaço para composição de um mundo que não passe pelos pontos de vista já instaurados, mas que se abra a partir de pontos através dos quais se possa dar a ver um novo modo. O existir de maneira distinta passa, aqui, pelo acolhimento, abertura e exposição à diferença como estratégias que viabilizam o existir para além das formas constituídas pelas realidades individuadas, pensando a individuação como um processo que não se esgota no indivíduo já formado, mas que se projeta como produção do novo. Não se trata de comparar os modos de existência já individuados entre si e tomar as formas individuadas como modelo, mas seguir a diferença a partir das forças que continuam agitando os indivíduos que elas atravessam. Trata-se de deslocar o centro de gravidade de um padrão majoritário de representação da vida e fabricar um lugar propício para pensarmos a potência singular de expansão da vida em todas as suas formas. A partir desta questão principal podemos buscar compreender como a diferença que está no cerne dessas existências mínimas pode ser problematizada a partir do pensamento de Gilles Deleuze. Nele, nos deparamos com a diferença como um princípio genético vinculado a uma ontologia que tem na ideia da individuação intensiva seu ponto de partida para o estabelecimento das oposições que vêm se dar no campo das forças atualizadas em suas qualidades e partes. Individuação como processo de resolução da diferença pura que faz coexistir potências díspares em sua metaestabilidade pré-individual, criando um campo intensivo onde o único sujeito capaz de ali subsistir é um sujeito larvar e o único corpo possível ali é um corpo sem órgãos.

Deleuze nos fala do sujeito larvar como uma dimensão onde atuam as intensidades pré-individuais de matérias não formadas, “[...] uma massa material capaz de suportar grandes modificações, um tecido informal suscetível de atualizar um grande número de formas [...]” (SAUVAGNARGUES *apud* DAMASCENO, 2007, p. 182). Paralelamente, ele coloca a ideia de corpo sem órgãos como um lugar dos “gritos e sopros inarticulados” (DELEUZE, 1994, p. 197) Esta dimensão provisória será fundamental para compreendermos as tentativas de instaurar existências mínimas que não se conformam a um padrão do desenvolvimento de um organismo estruturado por suas determinações majoritárias. O Pensamento de Deleuze parece fundamental para isso, pois ao forjar os conceitos de sujeito larvar e de corpo sem órgão ele os vincula à possibilidade de uma individuação que não se esgote no sujeito já formado. Ambos os conceitos estão relacionados ao campo intensivo, virtual, como um nó de tendências de determinações que aparecem e se desvanecem em uma velocidade infinita. Campo onde só um embrião seria capaz de resistir às pressões dos dinamismos intensivos e um corpo desconstruído de suas funções orgânicas surgisse como resultado de uma individuação sem sujeito. “Um campo problemático de singularidades

virtuais, mas reais e diferenciadas, se atualiza resolvendo sua disparidade inicial [...]” (DAMASCENO, 2007, p. 182). Um embrião remete ao corpo antes da representação orgânica, admitindo, assim, todo o tipo de variação. Nele, o que temos são gradientes, vetores de tendências dinâmicas, “[...] corpo afetivo, intensivo, anarquista, que só comporta pólos, zonas, limiares e gradientes [...]” (DELEUZE, 1997, p. 148). Um corpo que não se sujeite às funções orgânicas é um “[...] ovo pleno anterior à extensão do organismo e à organização dos órgãos, antes da formação dos estratos, o ovo intenso que se define por eixos e vetores, gradientes e limiares, tendências dinâmicas com mutação de energia [...]” (DELEUZE; GATTARI, 1996, p. 14). Portanto, segundo Deleuze, a individuação como modo ininterrupto de criação só é possível a partir de uma abertura ao campo intensivo, onde as forças pré-individuais mantenham a sua tensão metaestável.

O pensamento de Gilbert Simondon (1924 -1989), filósofo e tecnólogo francês, teve uma influência decisiva sobre Deleuze a partir do conceito de individuação que desenvolveu em sua tese de doutorado, orientada por Jean Hyppolite, intitulada: “O indivíduo e sua gênese físico-biológica”. Para Simondon, a individuação deve ser considerada como uma resolução parcial de um sistema que abriga potenciais abrangidos em uma incompatibilidade que se caracterizaria pela coexistência de forças sem interação e mantidas sob tensão. O equilíbrio metaestável foi colocado por Simondon em contraposição ao equilíbrio estável. O equilíbrio estável se caracterizaria por um sistema no qual todas as transformações possíveis já teriam sido realizadas, todos os potenciais já teriam sido atualizados, atingindo assim o seu nível energético mais baixo. Já o equilíbrio metaestável caracterizaria um sistema no máximo de um nível energético onde potências díspares coexistem e entre as quais ainda não existem comunicação interativa. Fora da unidade substancial de um sujeito formado, o que pode existir é uma “[...] incompatibilidade rica em potenciais [...]” (SIMONDON, 2020, p. 17) que faz com que a individuação seja tomada como uma resolução “parcial e relativa” (SIMONDON, 2020, p. 16) de um sistema que “[...] abriga potenciais e que abrange certa incompatibilidade relativamente a si mesmo [...]” (SIMONDON, 2020, p. 16). Isso faz Simondon afirmar que “Essa natureza pré-individual que permanece associada ao indivíduo é uma fonte de estados metaestáveis futuros, de onde poderão sair novas individuações [...]” (SIMONDON, 2020, p. 22). Ao se apropriar do conceito de individuação, Deleuze quer pensar um estado que se caracterize a partir de “[...] eixos, vetores, zonas, movimentos e tendências dinâmicas [...]” (DAMASCENO, 2007, p. 183), que liberem linhas que desarticulem o já formado e façam as forças escaparem de relações já individuadas que cristalizam as formas de ser no mundo.

A individuação, portanto, para Deleuze, é uma individuação intensiva onde atuam forças não relacionadas, não ligadas, que mantêm o máximo de sua energia potencial, a exemplo de um sistema integrado onde não existe interação entre partículas. Deleuze irá pensar essa individuação como um processo contínuo onde o indivíduo mantém o potencial de estados metaestáveis futuros, por intermédio da possibilidade da criação de um corpo que mantenha a potência virtual de suas determinações; individuação que não cessa de fazer passar as forças pré-individuais que fazem as qualidades e as partes individuadas uma solução sempre provisória e no infinitivo. É por isso que o lugar da individuação para Deleuze é o lugar onde a intensidade é a potência da diferença ou do desigual. Dessa forma, a intensidade deve ser concebida “[...] precisamente como condição da experiência, intensidades puras envolvidas numa profundidade, num *spatium* intensivo que preexiste a toda qualidade assim como a todo extenso [...]” (DELEUZE, 2006, p. 132). A individuação só poderia se dar, então, em um plano que fosse capaz de se abrir a essa zona de intensidade indiferenciada onde as determinações aparecem e se desvanecem numa velocidade infinita. Deleuze chama esse plano de plano de imanência. O plano de imanência corta o campo intensivo e permite a coexistência entre a dimensão virtual das intensidades e a dimensão atual das qualidades e das partes. “O plano de imanência contém a um só tempo a atualização como relação do virtual com outros termos, e mesmo o atual como termo com o qual o virtual se intercambia [...]” (DELEUZE, 1988, p. 179). É através do plano de imanência que emergem as linhas de fuga que liberam todo potencial disruptivo de um campo intensivo em sua dimensão virtual, metaestável e pré-individual. Segundo Deleuze, um plano de imanência recorta a variabilidade metaestável e passa a comportar tanto a dimensão virtual quanto a atual, tanto as determinações indiferenciadas quanto a sua encarnação em qualidades e partes, tanto o conjunto de relações diferenciais, quanto as individualidades constituídas.

O campo intensivo das matérias não formadas atravessado pelo plano de imanência, assim como foi descrito por Deleuze, ganha em potência quando articulado com as experiências de Fernand Deligny (1913-1996)⁴ em Cévennes, onde viveu junto às crianças

⁴ Desde o início a atuação de Fernand Deligny esteve vinculada a tentativas de se viabilizar novos modos de vida junto à indivíduos que se encontravam fora dos padrões majoritários de existência. Entre os anos de 1938 a 1967 ele vivenciou experiências diversas instituições francesas voltadas a correção de comportamentos estranhos e inadaptados as regras de convivência aceitas como normais e eficientes. Desde a sua atuação como educador em classes voltadas para crianças com dificuldade de aprendizado nos arredores de Paris, passando pelo trabalho com psicóticos no asilo de Armentières e com jovens delinquentes no Centro de Observação e Triagem, em Lille, até a experiência da Grande Cordée ele procurou subverter as hierarquias e promover uma rede de ajuda mútua que confrontava de forma libertária as estruturas institucionais corretivas em sua lógica pedagógica, clínica e jurídica. Depois de passar uma temporada em La Borde onde realiza atividades terapêuticas, mas onde falta o seu engajamento à ideia de diagnóstico, dossiês e prontuários, retira-se para a região montanhosa de Cévennes, no sul da França, onde viveu uma experiência comunitária com crianças autistas, na sua maioria

autistas não verbais, ao ponto de sermos capazes de localizá-lo numa trama tecida em um território habitado por corpos à deriva. Se a ontologia deleuzeana procura desarticular os estratos de um plano de organização cujos dispositivos estruturam padrões majoritários de subjetividade, cabe, a partir do encontro com Deligny, partir de corpos naturalmente à deriva de qualquer subjetividade. Corpos desarticulados dos estratos de um padrão majoritário, de indivíduos refratários às estruturas do simbólico que organizam as formas do sujeito que se diz, a si mesmo, humano, a partir da imagem cristalizada do homem-que-nós-somos que se formou após milênios de dominação simbólica. Somos aptos, a partir daí, a pensar como se pode conferir a mínima consistência possível ao processo de constituição de indivíduos cujos corpos naturalmente resistem aos dispositivos do plano de organização. Para Deleuze, o plano de organização se constitui a partir de estratos que articulam as linhas que circunscrevem um determinado território e estabilizam os agenciamentos dando a eles uma regularidade que acaba formando um padrão para o conjunto de suas visibilidades e de seus enunciados, fazendo com que eles constituam duas formas estáveis em cada época. É em oposição a essas formas sedimentadas que o pensamento em Deleuze irá insinuar um campo intensivo, um sujeito larvar e uma experimentação com o corpo sem órgãos. Somos postos, através dele, diante das individuações não-pessoais que liberam as singularidades pré-individuais de um campo transcendental sem sujeito algum como unidade prévia. E é deste lugar que se parte com as experiências de Deligny.

Os homens fizeram uma imagem que se reproduz com nuances. Pelo que penso, é essa mesma imagem adquirida, aprendida, integrada, inveterada que ofusca o resto. É esse restante que escrevo, tento evocar. É esse resto, considerado resíduo, uma sobrevivência que vai atrofiar, que eu considero como um esboço do que poderia ser do humano se, desde sempre, a crença no que o homem imagina ser passou a suplantar, a supor esse outro algo que aparece quando uma criança acaba sendo, como se costuma dizer, autista [...]. (DELIGNY, 2017, p. 1249).

Lugar sem sujeito, vacante das estruturas simbólicas que constituem o fundamento onde se apoia um dizer de si como um Eu que se relaciona com o mundo e este como um Outro, a partir de um fora da linguagem, refratário aos padrões majoritários de se estar no mundo e de representá-lo. Lugar da ausência do pronome reflexivo, onde o que existe é uma profusão de verbos no infinitivo, conjurando, cada um ao seu modo, a presença do sujeito. Lugar do indivíduo a-consciente, como instância que se liga ao inato por intermédio de uma abertura por onde escoam as forças impessoais que não se fecham numa interioridade,

com um mutismo severo, tendo a companhia voluntária de alguns operários, camponeses e estudantes. Cévennes era uma grande área rural onde foram instalados núcleos comunitários nos quais as crianças viviam em companhia de adultos por elas responsáveis e onde eram realizadas atividades coletivas como a fabricação de pães, criação de ovelhas e trabalhos com marcenaria, envolvendo o cuidado de si e do grupo.

mas que alimentam os encontros inusitados que fazem no mundo, “[...] sem sujeito, nem projeto, e sem objeto [...]” (DELIGNY, 2018, p. 164). A partir daí é possível confrontarmos as formas hegemônicas de existir com modos de existência singulares que se afirmam em sua diferença e que recusam ser adaptados a partir de qualquer medida padrão, constituindo-se como uma deriva, que se dava não por qualquer negatividade, mas pelo silêncio que se constituía como “vacúolos de não-comunicação, interruptores, para escapar ao controle” (DELEUZE, 1992, p. 217). Neste caso, um pensamento da diferença se constitui como um discurso que apresenta novos modos de vida que se constituem a partir de novos olhares, novas escutas e novas linguagens, para além das formas subjetivas constituídas depois de milênios de dominação simbólica. “O que equivaleria a dizer que o sujeito, o si de cada um ao qual tanto nos apegamos, é o reflexo sentido de um engodo [...]” (DELIGNY, 2018, p. 172).

É das experiências de Fernand Deligny, em especial com as crianças autistas de Cévennes, que nos chegam os ecos de uma tentativa de se instaurar diferentes modos de vida, vindo a diferença a funcionar como o distanciamento necessário para se instaurar um viver junto, tornando-se, na verdade, um princípio genético e produtor de causas comuns. Tais experiências abrem a possibilidade de se integrar num mesmo espaço indivíduos que se relacionam a partir do distanciamento que mantêm entre si, na série que se estende através de pontos sobre os quais se operam as derivas de modos de vida singulares. O comum aqui não é a convergência de singularidades ao mesmo ponto de vista, mas é o compartilhamento do local de onde se lançam múltiplos olhares, onde o ver não obedece a lógica dos estímulos sensíveis rebatidos nos anteparos de um corpo organizado a partir do padrão de um funcionamento eficiente, mas que está carregado de sinais sensíveis que atravessam e percorrem o corpo como interface que os faz escapar da dominação das estruturas subjetivas. Sem tais estruturas, o indivíduo mergulha no caos de todas as possibilidades de determinações que aparecem e desvanecem numa velocidade infinita.

Mas como dizia Lawrence, o homem não pode viver no caos e por isso constrói entre ele e o caos um guarda-sol, pinta-o como um firmamento e sob ele vive durante toda a vida (LAWRENCE, 2016, p. 22). Se o poeta é aquele que faz um rasgo no guarda-sol e faz passar um pouco de ar do caos tempestuoso, as crianças autistas vacantes da linguagem em Cévennes viviam mergulhadas nele e era preciso que elas pudessem dar ao caos alguma consistência para se livrar do colapso e instaurarem, então, uma existência mínima. E é a criação de um espaço, onde o balanço da pedra e o ruído da água eram mais relevantes do que as palavras ditas, que fez das experiências de Deligny em Cévennes uma tentativa que permitia um agenciamento espaço-temporal em que essas existências viriam a conquistar sua

consistência sem trair o que lhes era peculiar (PELBART, 2014, p. 254). Viabilizar a instauração de existências em sua potência de existir, na diferença que as caracterizam, confere a elas o mesmo grau de realidade das demais que compartilham com ela um espaço comum onde um ténue vapor ligeiramente rosado sobre um céu azulado da tarde não possui menos existência do que toda a exuberância vívida e iluminada de uma nuvem esplêndida e perfeita em uma bela tarde (SORIAU, 2009, p. 106). Neste lugar, o espaço era arranjado de forma a provocar “bons encontros” que aumentassem a potência de agir dos indivíduos que viviam nele. Encontros que não reivindicavam um fazer intencional ou finalidades determinadas, mas que faziam de cada instante um instante singular, de onde poderia sair uma série diversa de um agir sempre voltado para nada. Mesmo a repetição de gestos costumeiros poderia ser ornada de uma falta de finalidade, criando desvios que alteravam sua amplitude e manifestavam não percepções ditas normais do mundo, mas seus sinais sensíveis, podendo ser tomados como “[...] momentos de graça da natureza, descritos no seu esplendor momentâneo, uma nuvem rosa no céu, um galho de árvore sacudido pelo vento, a crista de uma montanha iluminada pelo oceano, puros instantes em si e por si [...]” (LAPOUJADE, 2017, p. 29).

O normal, como define Canguilhem, é uma medida normativa de eficiência que “[...] deixa de ser uma disposição detectável e explicável como um fato para ser a manifestação do apego a algum valor [...]” (CANGUILHEM, 2009, p. 20). Por isso o corpo sem órgãos, assim como nos propõe Deleuze, é uma experimentação que rompe com um padrão de funcionamento do organismo e se abre na possibilidade de novos modos de existência que se afastam de uma média que corresponde à maioria dos seres com os quais eles são comparados, nos cabendo, a partir daí, repetir a pergunta de Canguilhem: “Na medida em que seres vivos se afastam do tipo específico, serão eles anormais que estão colocando em perigo a forma específica, ou serão inventores a caminho de novas formas?” (CANGUILHEM, 2009, p. 55). Por isso as experiências de Deligny em Cévennes com indivíduos que viviam a vacância da linguagem nos põem em contato com modos de vida singulares. A vida que aquelas crianças tinham nas comunidades de Cévennes era o resultado do acolhimento da diferença como um princípio genético e não como uma deficiência em relação a um padrão majoritário de funcionamento. Diferença que inverte a ordenação do organismo e suas funções eficientes e faz os corpos repousarem numa falta de finalidades, como nos personagens de Beckett em “Esperando Godot”, que desde o início faz ressoar na fala de Estragon a sentença de que não existe “nada a fazer”. Isso porque, como afirmava Deligny, os indivíduos autistas com quem convivia em Cévennes não eram determinados por um fazer intencional que objetiva um trabalho útil, mas sim por um agir para nada, de corpos que

ocupavam um lugar no espaço e nele extravagavam em seus movimentos marcados pelo simples fato de que estavam vivos, circulando no espaço em seu ritmo próprio, que em nada se confundia com finalidades, mas se tratava, como diria Deleuze, da dissolução das formas para liberar velocidades e lentidões.

Para tanto, foi necessário integrar as crianças a um espaço em que se pudesse manter um distanciamento entre elas e suas presenças próximas ⁵, suficiente para que houvesse uma apropriação na medida de uma imutabilidade necessária para fazer dele um lugar comum, onde vivessem o seu tempo na sua idiorritmia. Esse distanciamento marca o percurso de uma diferença que não se deixa aprisionar pela contradição, mas que se afasta e cria a diversidade como o princípio regulador de um viver junto que não reivindica nenhuma imagem prévia de existência, mas que localiza um lugar onde o outro pode existir em sua singularidade. Lugar silencioso onde a voz falta, pela ausência da linguagem, mas onde sobram gestos que vão deixando marcas de existências mínimas num território ocupado por corpos de expressões intensivas. Tratava-se, assim de “[...] dar uma voz que não seja necessariamente palavras àqueles que são totalmente desprovidos de uma [...]” (DELIGNY, 2018, p. 140). O movimento dos corpos neste espaço ia produzindo trajetos que ao serem cartografados descreviam a expressão de indivíduos para além das funções do organismo. Em Cévennes temos um território atravessado por linhas que a partir de uma “vagueação” (*erre*) se prolongam como linhas costumeiras ou se desprendem como linhas de errância. As linhas já tinham sido descritas por Deleuze, que as dividia em linhas de fuga, linhas moleculares e linhas molares. As linhas molares constituídas nos estratos, as linhas de fuga como algo que se desprende deles, e as linhas moleculares como as combinações que ora fazem as linhas fugir e ora as estabilizam como linhas molares (DELEUZE; GUATTARI, 1996, p. 77) Penso se poderíamos comparar essa ideia aos traços das linhas nos mapas traçados em Cévennes⁶. As linhas erráticas, como aquelas que se desprendem dos estratos, as linhas costumeiras como aquelas que se estabilizam nos estratos, e a “vagueação” como aquilo que ora leva às linhas de errância, ora às linhas costumeiras. Uma cartografia, nos moldes da que propôs Deligny, visa seguir o rastro dessas hecceidades e desses afectos na forma de linhas que se estendem sobre o território e que dão conta de seguir os movimentos dos corpos nele, suas relações de velocidade e lentidão e todos os sinais que vão sendo deixados pela passagem das forças do

⁵ Presenças próximas era como Deligny chamava os adultos que conviviam com as crianças autistas nas comunidades de Cévennes.

⁶ Deligny propôs uma prática que visava a confecção de mapas que eram traçados em folhas de papel vegetal e que procuravam reproduzir o traçado das crianças autistas e de suas presenças próximas no território. Tais linhas descreviam os trajetos costumeiros que envolviam as atividades do dia a dia nas comunidades, bem como os desvios das crianças em sua deriva, em seu agir sem intenção ou finalidade.

mundo. “Não se trata mais de interpretar os comportamentos das crianças, ou mesmo de explicá-las, mas de localizar seus movimentos no espaço [...]” (MIGUEL, 2016, p. 494).

Ao invés de se partir de um modelo de existência que se fixe como padrão, a ontologia deleuzeana e as experiências de Deligny possibilitam a instauração de novos modos de existência que se constituem a partir de suas singularidades não conformes aos gabaritos que forjam os critérios da normalidade e da eficiência, trazendo para a cena corpos cujos órgãos não se ajustam às normas de funcionamento de um organismo eficiente, mas que encontram soluções próprias de “[...] corpos refratários a toda imagem pronta e a toda matriz capaz de definir de uma vez por todas o homem como tal [...]” (ROCHA; MIGUEL, 2016, p. 187). Somos postos, assim, diante de um pensamento e uma prática como uma atitude de resistência que pode desarticular os modelos e encontrar novas expressões das potências que subjazem aos estratos de um plano de organização. Uma ontologia da diferença ganha uma nova dimensão quando nos voltamos para os corpos que trazem em si mesmos a inadaptação e que se colocam, de saída, desconformes e anômalos aos padrões eficientes de funcionamento do organismo “normal”- olhos sem visão, ouvidos sem audição, bocas que não produzem palavras, membros sem locomoção - órgãos que não se submetem à ordem de funcionamento do organismo, aliados a células cujos excessos e faltas fazem dos corpos um modo próprio e desviante de contrair os estímulos do meio onde se inserem. Assim, não há de se tentar incluir a diferença em um campo que circunscreva os limites onde ela deve ser exercida, mas reivindicar o espaço para processos de individuação singulares onde modos de existência, livres de qualquer parâmetro normativo, possam ser exercidos fora do plano de uma racionalidade homogeneizadora. Desta forma, acionando os interruptores que deixam fugir uma vida anômala, errante e em constante deriva, coloca-se em xeque os dispositivos de controle de um plano de organização que sedimenta linhas molares que interrompem fugas a partir de estruturas estabilizantes de uma economia eficiente de normalização.

Só conseguimos isso se pensarmos a diferença como o lugar da produção do novo, fora do padrão normatizado de uma única forma de aprender, produzir e viver. Pensar a alteridade escapando, deslizando, não situando a diferença como marginal em relação ao centro, mas imanentemente fora; pensá-la de um não-lugar, algo como um entre-lugar que fica na dobra, no liame, na fronteira, no interstício”. (MACHADO, 2021, p. 26).

Não se trata, então, de incluir a diferença a partir da correção das divergências que afastam as manifestações das médias padrão da normalidade, mas de liberar sua potência como motor das transformações da realidade estabilizada pelos dispositivos do plano de organização. Essas múltiplas possibilidades se materializaram na experiência de Deligny com

as crianças autistas em Cévennes, em um espaço feito comum não a sujeitos, mas a indivíduos larvares a serem atravessados por intensidades, agitados pelos dinamismos e exprimindo-as através de vibrações que percorrem todo o corpo e que permitem encontros que produzam ressonâncias que escavam um lugar onde o singular devêm, silencioso, autista e fazendo do espaço um território de inscrição de gestos para nada de corpos carregados da força explosiva de vida, para além de seus órgãos e das funções inerentes ao organismo, como uma abertura ética, estética e política.

Sempre a pergunta: quais seres tomar a cargo? De quais incumbir-se? Como ouvir seus sussurros? Como dar-lhes voz? Como deixar-se percutir, afetar-se? Como instaurá-los preservando a singularidade de seu modo de existência? Como abri-los às passagens e às metamorfoses? Não se trata apenas de frágeis minorias constituídas, e sua enumeração seria quase infinita, nem de entes planetários ameaçados de extinção, também em número crescente, ou ainda dos planos de existência descartados diariamente (solicitudinários, virtuais), mas também dos devires minoritários de todos e de cada um: dos seres gaguejantes, dos apenas esboçados, dos que desistiram, dos seres por vir ou dos que jamais virão à existência, dos que a história dizimou, dos futuros soterrados no passado, daquele povo de zumbis que antes era apenas um “fundo” e que, por vezes, como no cinema (ou na História?), enfim invade a cena como protagonista multitudinário. Portanto, trata-se de nossa própria existência, incompleta sempre, em estado de esboço, de obra por fazer, que cabe prolongar como se prolonga o arco virtual de uma ponte quebrada ou em construção. (PELBART, 2014, p. 264).

As tentativas de Deligny partem da deriva de corpos desconstruídos de um padrão e de um trabalho útil. Se Deleuze propunha criar os corpos sem órgãos, em Cévennes os corpos já se encontravam ali desconstruídos, esquarterados, estilhaçados, na errância de sua presença no mundo, não conformes a um modelo de funcionamento eficiente e nem às formas simbólicas que dão sentido ao mundo dos homens da linguagem. Corpos de indivíduos autistas, cuja expressão afastava-se das formas discursivas, mas era o resultado das intensidades que os atravessava. “A expressão desses indivíduos é a expressão de um agir para nada; iniciativas movidas por sinais do mundo que se lança sobre eles e que os atravessam como interfaces larvares; intensidades a-significantes [...]” (MACHADO, 2021, p. 128). Assim, essa expressão encarna a diferença como um princípio genético de produção de novas formas de vida. Desse modo, as experiências de Deligny materializam a resistência presente no pensamento de Deleuze, cuja ontologia supõe uma resistência do ser aos modelos que fixam as formas em função da identidade, uma vez que esse ser, tomado a partir da diferença, está sempre em transformações por intermédio dos processos transdutivos que estão a comunicar realidades díspares na composição de novos modos de existência, tendo a diferenciação como seu princípio genético. É justamente a partir da suposição de que o indivíduo carrega o potencial de estados metaestáveis futuros, que Deleuze o concebe como

uma resolução provisória a partir da qual sempre estará se realizando a ultrapassagem da dimensão virtual das forças para a dimensão atual das formas. Assim, essa dimensão provisória está a todo tempo a permitir que se atualize a potência que se multiplica indefinidamente em todas as direções e se abre como infinitas possibilidades. Essa é a diferença que não para de se manifestar e atravessa cada modo de vida. O pensamento da diferença, então, assume o sentido de uma resistência de todo modo de vida que emerge como um acontecimento singular e escapa de ser classificado a partir de um padrão majoritário da eficiência de um trabalho útil que funcione como medida de normalidade, estando na base de toda percepção estética, de qualquer atitude ética e de uma prática política que pretenda dar conta de tentativas de se construir um espaço de convivência que possa ser comum a todos os indivíduos que o ocupam.

O campo intensivo, assim como pensou Deleuze, cortado pelo plano de imanência, que é a abertura que permite que os estratos sejam atravessados pelas singularidades individuais, é onde se constituem os territórios de Cévennes, preenchidos por singularidades que “[...] não tem começo nem fim, nem origem nem destinação, está sempre no meio. Não é feita de pontos, mas apenas de linhas [...]” (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p. 50). Ali os corpos são carregados de potências que emergem a partir de um *topos* onde são produzidas. Dessa forma, valoriza-se a construção de um território como um espaço onde corpos se movem e onde são instaurados modos de existências singulares a partir de individuações sem sujeito. Espaço de germinação onde os corpos são atravessados pelas forças que produzem acontecimentos singulares. Espaço onde as relações do indivíduo com as coisas aumentem sua potência de agir. Desse modo, a atualização das forças no indivíduo assujeitado e desarticulado se compõe sempre como uma diferenciação cuja expressão manifesta linhas divergentes que se articulam no indivíduo como coordenadas atravessadas por diferentes velocidades, direções, tamanhos e intensidades. A integração do indivíduo ao território que o ocupa na forma de um agrimensor é fundamental para que as linhas de fuga não se transformem em linhas de abolição que devenham em um colapso. No território são demarcados os limites como que sendo os limites dos próprios corpos, uma pele que evita que os órgãos se dissolvam, dando a eles a sua consistência. Estes limites não são os limites da consciência de um sujeito, mas sim os de um campo intensivo de individuação, que circunscreve os afetos e as hecceidades daquilo que nele se singulariza, numa relação de movimento e de repouso onde subjaz a potência de um acontecimento em sua capacidade de afetar e ser afetado, traços de uma “[...] individuação que não passa por uma forma e não se faz por um sujeito [...]” (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p. 52).

Caso se tente seguir os rastros deixados por esses movimentos e esses repousos, há de se perseguir as vibrações que se prolongam sobre as superfícies dos copos que se integram com as coisas e vão compondo com elas um ritmo próprio que deixa sinais à medida que as intensidades atravessam esse campo de individuação. Os sinais aparecem quando uma intensidade passa. Ao invés de traduzi-los numa sensação já informada ele deve ser emulado em um corpo onde as forças circulam sem já estarem relacionadas em formas fixas. A rede de Cévennes foi construída a partir das derivas, dos desvios e da diferença. Privilegiava-se ali modos de existência singulares, partindo-se do acontecimento que tem lugar nos encontros inusitados de suas tramas, nas esquivas de corpos que se estendem sobre o território, como teias que vão compondo com ele um campo intensivo de individuação. Aquilo que era perseguido por Deleuze como resultado da desarticulação molecular que fazia as linhas se desprenderem dos estratos e tomar direções inusitadas, fugindo sem parar, como possibilidade de se produzir um corpo que não se submetesse à ordem do organismo e que não se organizasse em torno de um sujeito fundante, estava posto, ali, como única possibilidade. As experiências de Deligny, em Cévennes, com indivíduos que estavam aquém dos limites das estruturas da percepção, da abstração e da linguagem, relacionavam indivíduos que, por conta disso, experimentavam o extragar em um território no qual estavam integrados e nos quais eram produzidos os ritmos que compunham sua individuação. Esses ritmos sinalizavam as marcas das forças pré-individuais ainda não cristalizadas em uma forma determinada. Sinais vitais - aquilo que move uma vida, que a sustenta e que a ela é imanente como potência e como pura corrente a-subjetiva e impessoal. Vida como pura imanência. Lida-se aqui com aquilo em relação ao qual tanto o sujeito quanto o objeto são transcendententes. São estes sinais vitais que fazem, segundo a referência de Deleuze ao romance de Dickens, um grupo de pessoas ser solidário a um sujeito canalha que à beira da morte luta pela vida, mas que se torna frio à ele à medida que este retorna à vida (DELEUZE, 2016, p. 409 e 410). São sinais que manifestam a ação de forças sem que estejam ainda traduzidos em formas que as relacionem - a exemplo de um impulso luminoso que invade o corpo e que não se relaciona com os anteparos do olho na forma de uma visão, mas que percorre todo o corpo, dispersando-se nele. Sinais que se desdobram numa vida que está para além das formas que a manifestam, na potência virtual do inacabado, no mínimo gesto que a afirma, no inacabamento e na sutil consistência daquilo que a produz. A vida pensada como um modo que devolve a existência um conjunto de possibilidades que não se contradizem, mas que coexistem como um nó de tendências na dimensão de um virtual sempre a se atualizar de maneira ininterrupta, trazendo juntos a dimensão do instante e da eternidade que irradia a

potência intempestiva de transformação, contrastando com modos acabados e esgotados em sua realização.

REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, Adriana B.; HENZ, Alexandre O.; RODIGUES, André. Pesquisar no lugar infame, obscuro e mudo. *In*: MENDES, Rosilda; AZEVEDO, A. B.; FRUTUOSO, Maria F. P. (org.). **Pesquisar com os pés**: Deslocamentos no cuidado e na saúde. São Paulo: Hucitec Editora. 2009. p. 99 -117.
- CANGUILHEM, Georges. **O normal e o Patológico**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.
- DAMASCENO, Verônica. Notas sobre a individuação intensiva em Simondon e Deleuze. O que nos faz pensar. **PUC Rio**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 21, p. 169-182, jul. 2007.
- DELEUZE, Gilles. **Diferença e repetição**. Rio de Janeiro: Graal, 1988.
- DELEUZE, Gilles. **Conversações**. São Paulo: Ed 34. 1992.
- DELEUZE, Gilles. **Lógica do sentido**. São Paulo: Perspectiva. 1994.
- DELEUZE, Gilles. **Crítica e clínica**. São Paulo: Ed 34. 1997.
- DELEUZE, Gilles. **A ilha deserta**. São Paulo: Iluminuras 2006.
- DELEUZE, Gilles. **Dois regimes de loucos**. São Paulo: Ed. 34. 2016.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **Mil Platôs**: capitalismo e esquizofrenia. Vol.3. São Paulo: Ed. 34, 1996.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **Mil Platôs**: capitalismo e esquizofrenia. Vol.4. São Paulo: Ed. 34, 1997
- DELIGNY, Fernand. **Oeuvres**. Paris: Éditions Arachnéen, 2017.
- DELIGNY, Fernand. **O aracniano e outros textos**. São Paulo: N-1 Edições. 2018.
- LAWRENCE, D. H. **Caos em poesia**. Florianópolis: Cultura e Barbárie. 2016.
- LAPOUJADE, David. **As existências mínimas**. São Paulo: Edições N-1, 2017.
- MACHADO, Carlos. **Lugares do silêncio**: a interface do sujeito larvar como campo intensivo de individuação no pensamento da diferença. 2021. 148 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – FLUP – Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto, 2021.
- MIGUEL, Marlon. **À la marge et hors-champ**: L’humain dans la pensée de Fernand Deligny. 2016. Tese (Doutorado em Artes Plásticas e Filosofia) – Paris 8, Paris, 2016.

PELBART, Peter Pál. Por uma arte de instaurar modos de existências que “não existem”. **Catálogo da 31ª Bienal de São Paulo de 2014**, p. 250-265, 2014.

ROCHA, Maurício; MIGUEL, Marlon. Fernand Deligny, Spinoza e o “homem-que-nós-somos”. **Cadernos Deligny. PUC-RJ**, v. 1, n. 1, p. 183-192, 2016.

SIMMONDON, Gilbert. **A individuação à luz das noções de forma e informação**. São Paulo. Ed. 34, 2020.

SOURIAU, Étienne. **Diferentes modos de existência**. São Paulo, Edições N-1, 2009.